

A primeira recepção política do Zaratustra*

Zarathustra's first political reception

Stefano Busellato**

Resumo: Este artigo trata da primeira recepção política de *Assim falou Zaratustra* – especialmente do conceito de além-do-homem e sua relação com a noção de “bom europeu” –, precisamente à época da ascensão e do estabelecimento do nazismo alemão.

Palavras-Chave: Bom europeu; Zaratustra; Recepção nazista.

Abstract: This article deals with the first political reception of *Thus Spoke Zarathustra* – especially the concept of after-man and its relation to the notion of “good European” –, precisely at the time of the rise and establishment of German Nazism.

Key words: Good european; Zarathustra; Nazi reception.

Recebido em: 27/09/2018 – Received in: 09/27/2018

Aprovado em: 01/12/2019 – Approved in: 12/01/2019

1.

Se as interpretações sobre um autor sempre estão necessariamente condicionadas ao horizonte histórico no qual elas surgem, a primeira recepção da filosofia de Nietzsche representa um ponto paradoxal. Ela se fundou sobre elementos precisos com relação aos quais o autor, submetendo seu próprio tempo à dura crítica, refutou com clareza.

A primeira – e, de fato, nunca completamente sopitada – fase das interpretações filosóficas de Nietzsche pertence às ideologias de direita e encontra, entre seus principais protagonistas, Elisabeth Nietzsche junto a alguns dos intelectuais do alto escalão do terceiro Reich como, por exemplo, Alfred Baeumler e o seu Nietzsche heroico-germânico¹; Ernst Bertram e o seu Nietzsche do mito, da coincidência entre devir e essência metafísica do espírito teutônico; o Nietzsche de Ernst Jünger e do *actus purus*; aquele de Oswald Spengler, nacionalista, antiparlamentarista, mussoliniano², ou o

* Tradução de Anna Maria Lorenzoni.

** Professor Adjunto da UNIOESTE, Toledo, PR, Brasil. Contato: stefano.busellato@gmail.com

¹ Alfred Baeumler, ao qual o hierarca e ideólogo do partido hitleriano, Alfred Rosenberg, recomendava traçar uma interpretação de Nietzsche que pudesse se aproximar o mais próximo possível dos gostos do poder nazista. Cf. Piper, E. *Alfred Rosenberg. Hitler Chefideologe*, München 2005, pp. 358-362.

² Cf. Montinari, M. Appunti su Nietzsche e il nazionalsocialismo in *Studi Tedeschi*, II (1972), pp. 49-74.

Nietzsche de György Lukács que é acusado, do lado marxista, de um irracionalismo que será pai dos fascismos posteriores.

O presente trabalho buscará mostrar o nascimento e alguns desenvolvimentos de tal percurso interpretativo da primeira recepção nietzschiana, procurando estudar, de um lado, o papel desempenhado por Elisabeth Nietzsche e pelo *Nietzsche-Archiv*; de outro, a primeira recepção de *Zarathustra*, obra que, não obstante possa parecer a menos indicada a respeito da temática da recepção política do pensamento nietzschiano, na realidade tem um peso significativo nela, como Oswald Spengler testemunha. O autor de *O pôr-do-sol do Ocidente*, vencedor do prêmio Nietzsche, instituído por Elisabeth para “aquele que futuramente desejar desenvolver uma função de liderança escapando da opressiva fraseologia democrática”³, declara, em uma afirmação de 1927, que “se, do estilo de *Zarathustra*, forem traduzidas em prosa as declamações nebulosas e românticas do além-do-homem (que derivam de modo claro do darwinismo), rapidamente chegar-se-á à argumentação social e política”⁴. Logo após vencer o “Prêmio Nietzsche”, Spengler se tornou o mais estreito colaborador de Elisabeth e do *Nietzsche-Archiv* e é a ele que se deve uma mudança significativa do paradigma interpretativo de uma das célebres figuras nietzschianas que tanto desfrutou da boa (e da má) fama do Nietzsche político: o paradigma do *Übermensch*.

O *Übermensch* é um filosofema com uma característica muitas vezes esquecida: por mais que, para muitos, seja o epônimo de todo o pensamento nietzschiano, é uma figura que pertence única e exclusivamente a *Assim falou Zarathustra*.

Um outro dado que pode surpreender diz respeito ao fato de que o *Übermensch* não foi imediatamente submetido a uma interpretação política de direita, mas que tal assimilação foi travada, durante décadas, precisamente por Elisabeth Nietzsche, que durante muitos anos monopolizou o dogma nietzschiano. Quando, por exemplo, um importante colaborador do Arquivo Nietzsche, Raul Richter, defendeu uma aproximação do além-do-homem com a seleção darwiniana de uma espécie superior⁵, Elisabeth – mostrando, neste caso, uma intuição exegética feliz – se opôs com firmeza, retorquindo

³ Sobre esse e outros acontecimentos ligados ao “Arquivo Nietzsche”, ver a discussão minuciosa de S. Barbera, *L’archivio Nietzsche tra cosmopolitismo e nazionalismo*, in Id. *Guarigioni, rinascite metamorfosi. Studi su Goethe, Schopenhauer e Nietzsche*, a cura di S. Busellato, Le Lettere, Firenze 2010, pp. 161-188.

⁴ Carta de Spengler à H. Klöres, de 6 de janeiro de 1917, O. Spengler, *Briefe 1913-1936*, M.A. Koktanek e M. Schröter (org.), Beck, München 1963, p. 62.

⁵ Em um artigo de 1913, intitulado *Nietzsches Stellung zur Entwicklungslehre und Rassetheorie*, Richter sustenta uma aproximação entre a teoria nietzschiana e as teorias raciais de Gobineau e Chamberlein, fundadas sobre as disparidades entre as raças, a superioridade da raça ariana e um rebaixamento dessa miscigenação com as inferiores.

que o conceito era encontrado em Nietzsche ao menos até o esboço da consideração extemporânea *Nós filólogos* e que a exemplificação contida em *Zaratustra*, na qual fala-se da passagem do homem ao além-do-homem, assim como da passagem do macaco ao homem, deve ser lida apenas por uma chave metafórica. Tal convicção, provavelmente baseada sobre a passagem de *Ecce Homo* na qual Nietzsche afirma explicitamente, a propósito da palavra “além-do-homem”, que “um outro cornífero erudito imputou-me, por causa dela, o darwinismo”, é reiterada no segundo volume da bem-sucedida *Das Leben Friedrich Nietzsches, der einsame Nietzsche*, de 1914, deixada inalterada na edição de 1922. Aqui, Elisabeth combate com força uma eventual identificação entre a *blonde Bestie* (besta loura) e o *Übermensch*, rejeitando a licitude de uma tradução política instantânea das duas figuras. De acordo com Elisabeth, o além-do-homem não possui um correlato na realidade e é um conceito que envolve, sim, uma *Führung* (conduta), mas tomada em sentido espiritual, religioso, não em termos de teorias biológicas ou seleções raciais. Essa linha interpretativa, seguida também por Ernst Bertram e por Harry van de Velde – que, segundo este último, deveria se concretizar na construção de um templo monumental para o culto à Nietzsche, do qual teria partido uma reforma artístico-religiosa que teria conduzido à formação do “novo homem” – tinha como referência principal *Assim falou Zaratustra* e seus tons místico-proféticos, e permaneceu inalterada ao menos até os anos trinta.

O panorama mudou significativamente quando o texto de Baeumler, *Nietzsche der Philosoph und Politiker* de 1931 (Nietzsche, o filósofo e político) – que é também o texto de referência das célebres preleções nietzschianas de 1936 de um outro personagem bastante comprometido com o regime hitleriano, como Heidegger –, provocou uma mudança radical nos parâmetros interpretativos da *Nietzsche-Bewegung*, criando os pressupostos para uma leitura estritamente política de Nietzsche, que toma o lugar da linha precedente, de interpretação suprapolítica.

É em tal mudança que se inseriu a influência que Spengler exerceu sobre Elisabeth, levando-a a dar espaço às desconfianças sobre a imagem do *além-do-homem* presente em *O pôr-do-sol do Ocidente* e testemunhada em uma carta à Thomas Mann⁶,

⁶ Cf. Mendelssohn, P. de. *Der Zauber. Das Leben des deutschen Schriftstellers Thomas Mann*, II, Fischer, Frankfurt a.M. 1997, p. 123.

abrindo, assim, o caminho para tornar o *Übermensch* símbolo do darwinismo social e do projeto político de “criação de uma classe de homens superiores”⁷.

Max Oehler, sobrinho de Nietzsche que tomará a direção do Arquivo após a morte de Elisabeth, se torna um exemplo dessa mudança interpretativa. Até 1930, seus escritos seguiam passivamente a linha de Elisabeth; depois, convertido em um entusiasta hitleriano e após a descoberta do texto de Baeumler, começa a propagar uma imagem zaratustriana de Nietzsche, defensor de uma religião heroico-trágica que se confunde com o neopaganismo nazista⁸.

2.

Voltando-se o olhar para o *Zarathustra*, é possível notar como ele possui apenas um capítulo dedicado a uma temática explicitamente política – trata-se do décimo primeiro discurso da primeira parte, *Do novo ídolo*. Aqui, Nietzsche empreende um ataque violento à essência do Estado, com tonalidade, segundo a definição de Marcuse⁹, fortemente anárquica ou neoindividualista. O Estado é denominado

o mais frio de todos os monstros [...] o Estado mente em todas as línguas do bem e do mal; e o que quer que diga, mente – e o que quer que tenha, roubou. Tudo nele é falso. [...] Estado, onde todos perdem a si mesmos, bons e ruins. Estado, onde o lento suicídio de todos se chama – “vida” [...]. Vede esses supérfluos! Adquirem riquezas e com elas se tornam mais pobres. [...] Loucos me parecem todos eles, macacos trepadores e seres febris. Mau cheiro tem para mim seu ídolo, o frio monstro: mau cheiro têm todos eles para mim, esses idólatras. [...] Ali onde cessa o Estado, apenas ali começa o homem que não é supérfluo¹⁰

Trata-se de um ponto de chegada das reflexões nietzschianas sobre o Estado iniciadas, no mínimo, em 1866, primeiramente tomando o Estado grego como modelo, e que, em seguida, foram desiludidas pelo Reich bismarkiano, após a vitória na guerra franco-prussiana (*Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* de 1872 é o documento mais límpido a esse respeito). No discurso de Zarathustra emerge a negação da

⁷ Merlio, G. *Oswald Spengler témoin de son siècle*, Stuttgart 1982 vol. I pp. 550-554; Sobre Spengler, M. Ferrari Zumbini, *Untergänge und Morgenröte. Ueber Spengler und Nietzsche*, in *Nietzsche-Studien V* (1976), pp. 194-254. Para uma recepção brasileira instantânea da interpretação spengleriana de Nietzsche, ver R. Almeida, *Variações sobre Nietzsche*, Folha da Manhã, São Paulo, 12 de março de 1935, p. 6.

⁸ Barbera, S. Op. cit., p. 174.

⁹ Marcuse, H. *Di fronte al nazismo. Scritti di teoria critica 1940-1948*, trad. it. di R. Laudani, Roma-Bari, Laterza, 2001, p. 4.

¹⁰ *Assim falou Zarathustra*, I, Do novo ídolo, KSA v. 8, 24-27, 62-64, 72-73, 83-87, 101-102 – Em um fragmento concomitante à redação do *Zarathustra*, pode-se ler: “O Estado não quer, e nunca quis, uma qualidade melhor, mas a massa!” (Fragmento póstumo 11 [179], primavera-outono de 1881).

eticidade hegeliana do Estado – que Nietzsche conheceu, primeiro, por meio das lições de Schopenhauer, e, depois, via Burckardt – ou seja, que entre Estado e cultura não pode haver mais que uma relação inversamente proporcional. Como repetirá claramente no *Crepúsculo dos ídolos*: “Todas as grandes épocas da cultura [*Cultur*] são tempos de declínio político: o que é grande no sentido cultural é apolítico [*unpolitisch*], mesmo antipolítico [*antipolitisch*]”¹¹.

A aversão à idolatria do Estado e o forte apelo à autodeterminação do indivíduo, que percorre o *Zaratustra* por meio da temática primária da solidão, foi subitamente desarmada por Elisabeth e seu grupo, até distorcer Nietzsche como ideólogo de uma concepção estatal centralista que convidaria a utilizar os mecanismos democráticos para incliná-lo em direção oposta, como desejava Spengler; um Estado baseado sobre coordenadas de *Rangordnung* (hierarquia) e *Züchtung* (criação), sobre o modelo do oficial prussiano livre para obedecer, segundo a interpretação de Elisabeth; um Estado que, segundo Baeumler, seria uma nova figura que ultrapassa o prussianismo execrado por ele, e se nutriria da *Vontade de potência*, filosofema considerado por ele como maximamente germânico, que representa, mais do que qualquer outro, o terceiro Reich. Significativo é Bertram, quando escreve: “Esse *Reich* se tornou para ele [Nietzsche], um *Reich* do devir alemão, da esperança alemã, mesmo que a maior dessas esperanças leve o nome ultraterreno de Zaratustra: já na palavra [*über*] que o define, o *Übermensch* leva a marca de seu profundo caráter alemão, do devir alemão”¹².

3.

Para trazer à luz os motivos de tais transformações, cabe seguir a história da primeira recepção de um conceito estritamente político de Nietzsche que sofreu uma deformação semelhante, o conceito de “bom europeu” (*gute Europäer*). A figura do bom europeu acompanha longamente a reflexão nietzschiana, desde sua primeira aparição, no aforismo 475 de *Humano, demasiado humano*, na seção não por acaso intitulada “Um olhar sobre o Estado” e, passando pela *Gaia Ciência* (§§ 352, 357), chega até *Para além de bem e mal*. Nesse percurso, *Assim falou Zaratustra* representa um momento, se não evidente, clarificador. Não evidente porque não ocorre no texto impresso, mas é possível encontra-lo nos cadernos de trabalho e suas versões; clarificador porque precisamente por

¹¹ *Crepúsculo dos ídolos*, O que falta aos alemães, § 4.

¹² Bertram, E. *Nietzsche. Per una mitologia*, trad. Martha Keller, Il mulino, Bologna 1988, p. 133.

meio das versões ele se carrega de conexões e significados não encontrados nas obras publicadas.

Já em *Humano, demasiado humano*, concentra-se, no conceito de “bom europeu”, a idiossincrasia nietzschiana com relação ao nacionalismo que começava a surgir de maneira ameaçadora no panorama político europeu. Seu principal significado alinha-se àquele de “cosmopolita”, tanto que hoje poderia ser traduzido conceitualmente como “bom cidadão do mundo”. O aforismo no qual o conceito ocorre pela primeira vez intitula-se “O homem europeu e a destruição das nações”. Nele, o nacionalismo é denominado “artificial” e “perigoso”. Em contraste, Nietzsche declara que o bom europeu pode nascer apenas da “fusão das nações”, exatamente daquela mesma mistura racial (*Michrasse*) que, após algumas décadas, será o pesadelo do hitlerismo. Ele não deixa de sublinhar como a presença dos judeus é fundamental nesse cosmopolitismo cultural, do povo ao qual devemos “o mais nobre dos homens (Cristo), o mais puro dos sábios (Spinoza), o mais poderoso dos livros” e de denunciar a expansão da “grosseria literária de conduzir os judeus ao matadouro, como bodes expiatórios de todos os males públicos e particulares”.

No aforismo 87 de *O andarilho e sua sombra*, Nietzsche reitera que a tendência a se tornar cada vez mais nacionalista é “a doença deste século”, significando ser inimigo “dos bons europeus, inimigo dos espíritos livres”. No capítulo “Povos e pátrias”, de *Para além de bem e mal*, Nietzsche mais uma vez critica o “sentimento nacional” e almeja o advento do “europeu em evolução”, isto é, “a lenta ascensão de um tipo de homem essencialmente supranacional” que será capaz de superar os “atávicos acessos de patriotismo e apego à terrinha e retornar à razão, isto é, ao ‘bom europeísmo’”¹³. Mas, entre *Humano, demasiado humano* e a retomada da temática do “bom europeu” em *Além do bem e do mal*, encontra-se o *Zaratustra*.

Os cadernos preparatórios de *Zaratustra* registram uma atenção específica para tal temática que anda de mãos dadas com a redação da obra. A partir de alguns fragmentos, é possível notar que Nietzsche afagou a ideia de dedicar uma continuação de *Humano, demasiado humano* ao “bom europeu”¹⁴ ou, ainda, um novo texto independente, como indicam os esboços dos títulos dos fragmentos póstumos 26 [320] do verão-outono de 1884: “*Os bons europeus*. Proposta para a seleção de uma nova aristocracia. De

¹³ *Além do bem e do mal*, §§ 242, 241.

¹⁴ Cf. Venturelli, A. Die gaya scienza der “guten Europäer”. Einige Anmerkungen zum Aphorismus 377 des V. Buchs der Frölichen Wissenschaft, in *Nietzsche-Studien XXVIII* (2010) pp. 185-6.

Friedrich Nietzsche” e o 34 [155] de abril-junho de 1885: “*Os bons europeus*. Um contributo à descrição da alma europeia”.

Mas o dado mais interessante emerge da análise dos cadernos de trabalho para a IV parte de *Assim falou Zaratustra*. Neles, descobrimos que, nessa última parte da obra, o bom europeu deveria fazer a própria aparição como personagem¹⁵, “O instável, o sem pátria [*Heimatlose*], o andarilho [*Wanderer*] – que desaprendeu a amar o seu povo porque ama muitos povos”¹⁶. Na redação definitiva, Nietzsche escolhe substituir o bom europeu pela figura da Sombra¹⁷, que ocupa o nono capítulo da IV parte. Aqui, não tenho o espaço para analisar as constelações conceituais que se condensam na figura da sombra¹⁸, tampouco para mostrar detalhadamente os significados da escolha da sombra no lugar do bom europeu. Entretanto, é suficiente indicar que a Sombra é a caracterização negativa daquilo que é desenvolvido positivamente no bom europeu. Se este último simboliza uma visão supranacional, cosmopolita, capaz de superar os particularismos e as mesquinhas feroces do nacionalismo, a Sombra designa o lado escuro da Europa, e seu ser imerso no fato histórico que mais desperta preocupações e que mais urgentemente requer uma superação – a saber, o niilismo (como magistralmente aprofundado no fragmento de Lenzer-Heide, de 10 de junho de 1887, intitulado *O niilismo europeu*¹⁹).

Da relação entre Sombra e niilismo emerge como a Europa, segundo a análise de Nietzsche, ainda não está preparada para sustentar o fim dos valores cristãos entre os quais ela se constituiu e que ainda persistem, não obstante o célebre anúncio da morte de Deus, numa *forma mentis* que dá prosseguimento aos mecanismos psicológicos, que faz continuar, também após o desaparecimento de deus, a veneração de sua sombra – isto é,

¹⁵ Fragmentos póstumos 29 [51], 30 [4], outono de 1884-início de 1885; 31 [10, 40], 32 [8, 13], inverno de 1884-1885.

¹⁶ Fragmento póstumo 31 [10] inverno de 1884-1885.

¹⁷ As ocorrências de “europeu” e “Europa” permanecem confinadas, sempre na parte IV, ao capítulo *Entre as filhas do deserto*.

¹⁸ A esse respeito, ver Brusotti, M. “Europäisch und über-europäisch”. Zarathustra, der gute Europäer, und der Blick aus der Ferne, in *Also wie sprach Zarathustra? West-östliche Spiegelungen im kulturgeschichtlichen Vergleich*, a cura di M. Mayer, Ergon, Würzburg 2006, pp. 73-87; Lupo, L. Ombres. Notes pour une interprétation du dialogue de Nietzsche “Le voyageur et son ombres”, in *Nietzsche Philosophie de l'esprit libre. Études sur la genèse de Choses humaines trop humaines*, Presses de l'École Normale Supérieure, Paris 2004, pp. 99-112; Lupo, L. Invito alla lettura del dialogo “Il viandante e la sua ombra”, in *HyperNietzsche*, 15/09/2003, (<http://www.hypernietzsche.org/lllupo-1>).

¹⁹ Fragmento póstumo 5 [71] verão de 1886 – outono de 1887. Para uma contextualização desse fragmento, ver o prefácio de G. Campioni à edição F. Nietzsche, *Il nichilismo europeo. Frammento di Lenzerheide*, Adelphi, Milano 2006. Ver também o ensaio de Karl Löwith, de 1939, *Der europäische Nihilismus. Betrachtungen zur geistigen Vorgeschichte des europäischen Krieges.*, trad. it. di F. Ferraresi, *Il nichilismo europeo*, Laterza, Roma-Bari 1999.

para buscar aquilo que traga satisfação, em novas formas, das mesmas necessidades, como ilustra o aforismo 108 da *Gaia ciência*, “novas lutas”, sobre a sombra de Deus²⁰.

Sendo assim, as consequências políticas do niilismo europeu se enriquecem de uma conotação estritamente moral. O “bom europeu” se torna, então, figura antagonista do europeu que subsiste essencialmente no interior da moral cristã, incapaz de se liberar do espírito de veneração, como ilustrado pela figura do camelo presente no primeiro discurso de Zaratustra, *Das três metamorfoses*²¹. O “bom europeu”, em contrapartida, associa-se às figuras do andarilho (*Wanderer*) e do espírito livre. Por isso, no Prólogo de *Além de bem e mal*, Nietzsche fala de “nós, bons europeus, [...] espíritos livres, muito livres” e, em um fragmento imediatamente posterior à conclusão de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche caracteriza os bons europeus como “ateus, imoralistas”, aqueles capazes de “pensar de maneira ‘supraeuropeia’” e que se recusam a “fixar raízes”²².

Nesse mesmo fragmento, encontramos a contraposição entre os bons europeus, aqueles que vivem na *Heimatlosigkeit* e os *Vaterlande*, os “homens das pátrias”, reintroduzindo a mesma contraposição que *Humano, demasiado humano* estabelecia entre “espíritos livres” e “espíritos cativos” (*gebundenen Geister*)²³ e que retorna traduzida em termos políticos na oposição entre *große Politik* e *kleine Politik*²⁴, ou seja, entre nacionalismo e cosmopolitismo. Dos cadernos preparatórios do *Zaratustra* é possível, portanto, inferir que o “bom europeu” se configura como ideal de um cosmopolitismo que possui valor igual e paralelo tanto sobre o plano político quanto sobre o plano moral. Como, então, tal ideal sofreu uma interpretação em sentido contrário a isso?

4.

Estudando os primeiros anos de atividade do Arquivo Nietzsche é possível descobrir que “bom europeu” não foi apenas um conceito não ignorado, como também foi inicialmente tomado como uma autêntica bandeira. Quando, em 1904, em Weimar, foi inaugurado o busto de Nietzsche e a nova biblioteca da Villa Silberblick, os discursos

²⁰ Heidegger, M. *Nietzsches Wort “Gott ist tot”*, in *Holzwege*, Klostermann, Frankfurt am Main, 1980, p. 212; Löwith, K. Die Auslegung des Ungesagten in Nietzsches Wort “Gott ist tot”, in *Sämtliche Schriften*, VIII, Heidegger. *Denker in dürftiger Zeit*, Metzler, Stuttgart 1984, pp. 213-215; Gentili, C. La scienza e la morte di Dio, in *Studia nietzscheana*, <http://nietzsche.netseven.it/SN/c-gentili-2014>.

²¹ Sobre isso, me permito remeter à S. Busellato, G. Campioni, *Tra la torre e i cammelli. Nietzsche a Pisa*, ETS, Pisa 2013.

²² Fragmento póstumo 35 [9], maio – julho de 1885.

²³ Cf. *Humano, demasiado humano I*, §§ 225-229.

²⁴ *Além do bem e do mal*, §208; Fragmento póstumo 25 [1] dezembro de 1888.

comemorativos foram pronunciados, em um gesto de intenções simbólicas, por um alemão, um suíço, um francês e um italiano²⁵. Durante algum tempo, Elisabeth visou dar ao Arquivo uma natureza supranacional, como bem testemunha a visita feita por Romain Rolland, à qual ele atribui o sentimento de encontrar-se entre “cidadãos do mundo”. É digno de nota, a este respeito, que uma das primeiras conferências da “Sociedade dos amigos do Arquivo Nietzsche”, fundada por Elisabeth em 1926, foi proferida pelo francês Henry Lichtenberger e seu título era *Sobre o bom europeu*.

Mas a aparente gestão cosmopolita de Elisabeth estava bem longe de ser fundada sobre suas próprias convicções autênticas. Ao contrário, razões práticas a sustentavam: num primeiro momento, ela desejava garantir a máxima dimensão europeia à fama do irmão, mas visava sobretudo assegurar o financiamento de Kessler que, não obstante tivesse em projeto um – segundo ele, nietzschiano – “instituto genético para o melhoramento da raça”²⁶, era um europeísta convicto e Elisabeth necessitava de seu apoio econômico, ao menos “até que, graças às suas relações com políticos influentes, ele pudesse oferecer ao Arquivo o apoio financeiro do Reich”²⁷. Apesar das razões gerenciais, Elisabeth ao mesmo tempo não escondia o próprio pensamento político e as próprias tendências francamente nacionalistas. Em 1922, publicou um apanhado de passagens de temáticas sociais e políticas extraídas da obra de Nietzsche, *Palavras de Nietzsche sobre Estados e povos*, arbitrariamente orientado rumo a uma distorção do pensamento nietzschiano, e é significativo como, em 1927, provocou uma reação de Kessler, que a alertou sobre a impossibilidade de manter associados o seu entusiasmo por Mussolini e o ideal do bom europeu do irmão.

Mas o contexto histórico estava rapidamente mudando, entre as duas guerras, sobretudo com a questão da reparação e da ocupação do Ruhr, cresciam, de braços dados, o nacionalismo alemão e os atritos da Alemanha com a França, criando um terreno favorável para o acolhimento das interpretações que Elisabeth dava, desde 1899, sobre a relação de Nietzsche com os franceses, ano no qual publicou o artigo *Nietzsche und die Franzosen*, na revista “Zukunft”²⁸. Nele, sustentava que o irmão tinha, sim, uma

²⁵ Cf., também para muitas informações posteriores, Barbera, S. *L'archivio Nietzsche tra nazionalismo e cosmopolitismo*, Op. cit.

²⁶ Kostka, A. *Der Epigone als Vollender: Harry Graf Kessler*, in *Widersprüche. Zur frühen Nietzsche-Rezeption*, Böhlau, Weimar 2000, p. 178. Ver também Venturelli, A. *Die Enttäuschung der Macht. Zu Kesslers Nietzsche-Bild*, in *Harry Graf Kessler: Ein weghereiter der Moderne*, a cura di G. Neumann e G. Schnitzler, Rombach, Freiburg 1997, pp. 109-133.

²⁷ Naake, E. *Nietzsche und Weimar. Werk und Wirkung im 20. Jahrhundert*, Böhlau, Köln-Weimar-Wien, 2000, p. 9.

²⁸ Förster-Nietzsche, E. *Nietzsche und die Franzosen*, «Die Zukunft» XXVI (1899), pp. 462-473.

admiração pela França, mas pela França antidemocrática do *ancien régime*. Sendo assim, ele permanecia profundamente alemão, como Elisabeth reafirmará em um artigo de 1915, *Nietzsche e a Alemanha*, no qual o significado original do bom europeu é definitivamente subvertido e lido sobre uma luz pangermanista: “Meu irmão repetidamente destaca que a vantagem da Alemanha é aquela de possuir os homens mais viris; e o ideal de bom europeu e da Europa unida estava naturalmente e estreitamente em comunhão com os votos secretos da sua alma pela Alemanha”²⁹. Elisabeth reduzia, assim, o antigermanismo de muitas das páginas de Nietzsche a motivos psicológicos, como, por exemplo, fruto de uma reação ressentida à pouca sorte que a pátria reservara a ele. Tratava-se, portanto para ela, de uma oposição apenas aparente ao germanismo, que, na realidade, nascia de um profundo amor pela pátria natal.

Por mais frágil que essa linha interpretativa possa parecer, a tese da aversão apenas aparente à Alemanha, em Nietzsche, foi acolhida por intérpretes do calibre de Ernst Bertram e Thomas Mann. Nas mãos de Bertram, Nietzsche se torna o mais robusto produto do espírito germânico, criando uma identidade entre a profunda característica do povo alemão, que consistiria numa formação contínua, uma tendência dinâmica de uma cultura privada de fixidez, e a ontologia nietzschiana do “devir infinito”, antitética à hipostatização do ser, vendo, assim, em Nietzsche, o ápice do equilíbrio entre uma vertente teutônica e uma grega, entre luteranismo e heraclitismo.

A esse respeito, Baeumler intervém polemicamente, rejeitando a interpretação bertramiana do cristianismo nórdico de Nietzsche, que ele percebia muito próxima às “virtudes de Naumburg” de Elisabeth. Para Baeumler, havia em Nietzsche um resíduo religioso, mas ele deveria ser procurado no eterno retorno zaratustriano, esse pensamento, entretanto, se revelava insignificante, uma vez que era antitético à verdadeira filosofia nietzschiana, que fazia pulsar do coração do filosofema mais autenticamente germânico, como aquele da *Wille zur Macht*³⁰, um estado agonístico em devir perene, no qual as energias se manifestam no *polemos*, como ilustrado, segundo Baeumler, no capítulo de *Zaratustra* “Da superação de si mesmo”, onde está escrito: “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim... vontade de potência”³¹.

Foi isso que Baeumler designou como o “realismo heroico” de Nietzsche, que destruiria toda estabilidade da sociedade burguesa. Distorcendo essa interpretação para

²⁹ Citado por Barbera, S. Op. cit., p.176.

³⁰ Baemler, A. *Nietzsche, der Philosoph und Politiker*, Op. cit., pp. 80 e ss.

³¹ Assim falou Zaratustra II, *Da superação de si mesmo*.

fins políticos e fazendo de Nietzsche um “viril combatente” (*männlicher Kämpfer*), o filósofo do desencadeamento da ação pura, a figura do “bom europeu” é esvaziada de todo o seu conteúdo cosmopolita e acolhedor e, quando ela se torna ultranacionalista, Zaratustra está pronto para, assim, entrar em guerra sob a bandeira do terceiro Reich. Para Baeumler, Nietzsche “é o pensador da forma heroica revelada pela guerra”³².

5.

Mas a guerra, entretanto, revelou exatamente o contrário, e o terceiro Reich, fundado sob muitos pressupostos avessos ao pensamento nietzschiano, levou a Europa ao desastre. Derrocado o hitlerismo, muitos dos apoiadores das interpretações nietzschianas supracitadas, corrigiram os próprios juízos sobre a filosofia de Nietzsche e sobre as consequências políticas a serem extraídas dela. Hans Vaihinger, que, na verdade, sempre foi cauteloso, seja com respeito a fazer de Nietzsche a voz bélica da Alemanha, seja com o antissemitismo do Arquivo (embora valha recordar que ele é quem se empenhara para dar o Nobel da paz para Elisabeth), sustentou, após a derrota do hitlerismo, que apenas retornando a um Nietzsche diferente teria sido possível re-partir após a catástrofe. A começar em 1945, Baeumler iniciou uma profunda, apesar de tardia, autocrítica, na qual mudou, desde os fundamentos, a própria interpretação de Nietzsche e admitiu, em um grupo de apontamentos intitulados *Nós alemães*, que precisamente “a figura e a ideologia do herói, junto à ideia do Reich, constituiu um dos passos fatais para a catástrofe da Alemanha”³³.

Com o período pós-bélico, as interpretações sobre Nietzsche e sobre o papel de seu pensamento com relação à catástrofe europeia mudaram de significado. São particularmente expressivas as reflexões de dois pensadores judeus, Hannah Arendt, em *As origens do totalitarismo* e Theodor Adorno, em *Educação após Auschwitz*³⁴, que, de maneira independente um do outro, enxergaram as razões do nazi fascismo não em uma ausência de moral, mas efetivamente na persistência da *forma mentis* da moral, do “tu deves”, ilustrada pela figura zaratustriana do camelo, no espírito de veneração que se revela um recipiente que permite encerrar qualquer conteúdo: aquela moral do rebanho

³² Barbera, S. ‘Er wollte zu Europa, wir wollten zum Reich’. Anmerkungen zu den Nietzsche-Interpretationen von Alfred Baeumler, in *Nietzsche nach dem ersten Weltkrieg*, a cura di S. Barbera e R. Müller-Buck, ETS, Pisa 2006, pp. 199-234.

³³ Barbera, S. *Alfred Baeumler e il culto dell’eroe*, Op. Cit., p. 74.

³⁴ Arendt, H. *Le origini del totalitarismo* [1951], Einaudi, Torino 2004; Adorno, T. W. *Educazione dopo Auschwitz* [1969], in *La scuola di Francoforte* Einaudi, Torino 2005.

em direção à qual Nietzsche dedicou suas melhores energias, na tentativa de traçar sua superação.

Também nisso Nietzsche soube perceber, como poucos de seus contemporâneos, o significado dos elementos telúricos que iam se adensando no próprio tempo e que, poucas décadas depois, seriam desencadeados. Exatamente aqueles elementos que, por meio de uma atividade incansável de Elisabeth Nietzsche e de muitos dos intelectuais que se reuniram ao redor dela, traçaram a primeira recepção do pensamento nietzschiano. Uma primeira recepção entre as mais nefastas e distantes das páginas de Nietzsche, que somente o desastre bélico dramaticamente revelou sua impropriedade, mas que talvez nem mesmo este tenha sido suficiente para impedir que ainda se continue a interpretar equivocadamente as páginas de Nietzsche.